

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTE:

POSSIBILIDADES DE
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL
NAS RELAÇÕES ÉTICAS NO
AMBIENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

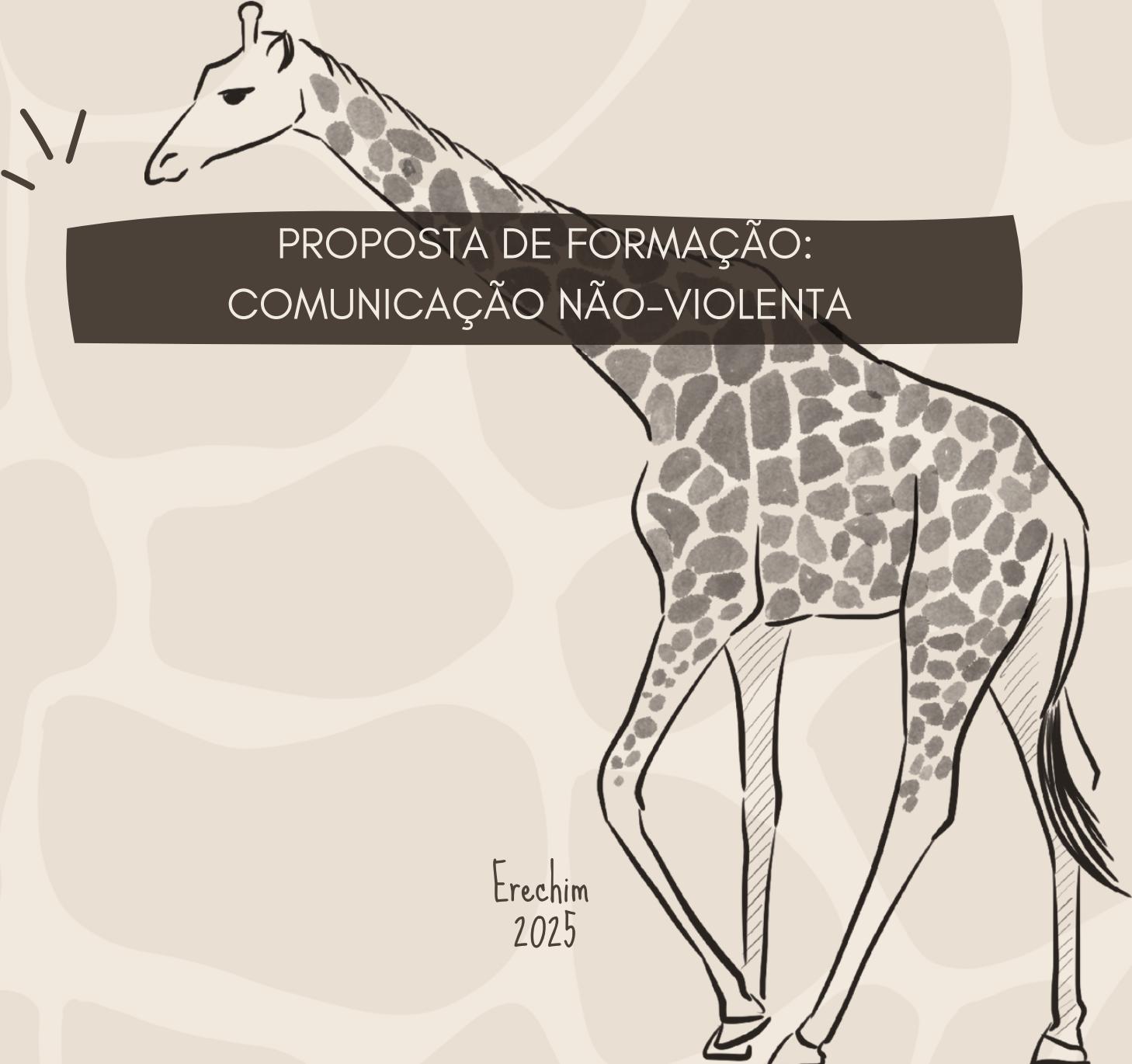
Emily dos Santos Otto
Adriana Salete Loss



UFFS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL- CAMPUS ERECHIM
Programa de Pós Graduação Profissional em Educação - PPGPE

Emily dos Santos Otto
Adriana Salete Loss



PROPOSTA DE FORMAÇÃO:
COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

Erechim
2025

CIP – Catalogação na Publicação

O91c

Otto, Emily dos Santos

Comunicação não-violenta: possibilidades de desenvolvimento profissional nas relações éticas no ambiente da educação infantil [livro eletrônico]/ Emily dos Santos Otto, Adriana Salete Loss / – Erechim, RS: Ed. dos autores, 2025.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-989247-0-6

1. Comunicação Não-violenta. 2. Formação de Professores. 3. Educação Emocional. I. Loss, Adriana Salete. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

CDD: 370

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	4
2. O símbolo da Comunicação Não-Violenta.....	6
3. Compreendendo a Comunicação Não-Violenta.....	7
4. Os quatro componentes da Comunicação-Não Violenta.....	9
5. Entendendo o processo.....	13
6. Propostas formativas.....	15
7. Conclusão.....	34
8. Referências.....	36

Apresentação

O presente caderno pedagógico originou-se a partir da pesquisa desenvolvida no âmbito da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim/RS. Alinhado aos objetivos propostos pelo referido programa, este material foi desenvolvido como um produto educacional oriundo dos resultados da pesquisa em questão.

A pesquisa que dá origem a este caderno intitula-se “Comunicação Não-Violenta: Possibilidades de Desenvolvimento Profissional nas Relações Éticas no Ambiente da Educação Infantil”, tendo como autora a mestrandona Emily dos Santos Otto, sob orientação da Professora Doutora Adriana Salete Loss. O estudo teve como proposta aprofundar os fundamentos teóricos e as possibilidades práticas da Comunicação Não-Violenta (CNV), com base principalmente nas contribuições de Marshall Rosenberg, autor que fundamenta e conceitua a CNV.

Além disso, a pesquisa também se debruçou sobre os processos de autoformação docente, com base teórica nas contribuições de Marie Christine Josso, especialmente sobre a construção da identidade profissional por meio de histórias de vida que permeiam as trajetórias formativas reflexivas e significativas. A partir do referencial teórico-bibliográfico construído, foram organizados e desenvolvidos encontros formativos com educadores da etapa da Educação Infantil, com o intuito de relacionar a teoria e a prática em espaços de diálogo, escuta e construção coletiva de saberes.

A elaboração deste caderno pedagógico tem como objetivo apresentar propostas formativas destinadas a educadores que atuam na etapa da Educação Infantil, com foco específico na temática da resolução de conflitos baseados nos princípios da Comunicação Não-Violenta (CNV). Busca-se, por meio deste material, proporcionar a reflexão e o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais empáticas, éticas, dialógicas e respeitosas em situações cotidianas que envolvem conflitos entre e com crianças, em que se faz necessária a ação mediadora do docente.

As primeiras experiências de aplicação das propostas aqui reunidas foram desenvolvidas junto ao Colégio Franciscano São José, uma instituição de ensino privado localizada no município de Erechim/RS. Esse espaço escolar serviu como campo inicial para a aplicação das propostas formativas planejadas durante a pesquisa de dissertação, permitindo assim, uma análise prática de seus resultados e de seu acolhimento à realidade educacional da Educação Infantil.

A partir das observações e das avaliações realizadas durante e após a implementação das primeiras ações formativas, foi possível identificar aspectos a serem aprimorados, bem como novas demandas que surgiram do próprio processo de formação. Dessa forma, as demais propostas contidas neste caderno foram elaboradas considerando tais análises, com o intuito de aperfeiçoar os conteúdos e acrescentar sugestões mais significativas de encontro com as possíveis necessidades dos educadores.

Este documento está organizado em duas partes, a primeira busca contextualizar e conceituar a CNV e seus princípios. A segunda parte dedica-se à apresentação de propostas formativas, elaboradas com o intuito de orientar as práticas pedagógicas voltadas à atuação de professores da Educação Infantil sobre a mediação de conflitos e as relações éticas no ambiente escolar.

O símbolo da Comunicação Não-Violenta

A Comunicação Não- Violenta surgiu a partir das vivências de Marshall B. Rosenberg, psicólogo norte americano, movido para descobrir o motivo pelos quais algumas pessoas contribuem para o bem-estar do outro e outras pessoas praticam violência contra o semelhante. Ademais, possui inspirações na linguagem da paz que, segundo Rosenberg (2019), é uma maneira de conectar-se com os outros, propiciando a compaixão natural. Rosenberg utiliza a girafa como o símbolo da CNV, pois é um animal que possui o coração mais potente, bombeando o sangue contra a gravidade, com um pescoço de aproximadamente dois metros de comprimento. Sob essa ótica, o autor considera que as pessoas que praticam a CNV precisam de um grande coração para exercer a empatia consigo e com o outro, observando as situações por outra perspectiva.



Compreendendo a Comunicação Não-Violenta

Marshall B. Rosenberg (2019) define a Comunicação Não-Violenta (CNV) como uma forma de ser, pensar e viver, cujo propósito é gerar conexões autênticas entre as pessoas, de modo que as necessidades de todos sejam atendidas por meio da empatia e da compaixão. Para o autor, comunicar-se com CNV é entregar-se de forma humana e compassiva, mesmo em contextos adversos (Rosenberg, 2021).

Para mais, configura-se como uma abordagem relacional voltada à maior compreensão mútua e cooperação nas interações interpessoais, profissionais e no âmbito intrapessoal. Trata-se de uma prática orientada à construção de vínculos mais conscientes, éticos e respeitosos, proporcionando a escuta atenta, sensível e empática, reconhecendo melhor as necessidades humanas fundamentais.

A CNV propõe uma mudança na forma como nos expressamos e escutamos: em vez de reações automáticas, a comunicação passa a ser guiada por consciência, clareza e empatia — considerando o que sentimos, percebemos e desejamos, ao mesmo tempo em que ouvimos o outro com respeito (Rosenberg, 2021). Rosenberg também destaca que a educação historicamente se concentrou apenas em conteúdos curriculares, ignorando a importância de ensinar crianças a refletirem sobre si mesmas, a dar sentido ao que aprendem e a conviver uns com os outros. Para ele, uma educação voltada à vida plena requer relações significativas entre professores e estudantes, e com demais sujeitos envolvidos no processo da educação.

Os princípios da CNV são aplicáveis a todas as faixas etárias, pois ajudam a compreender as necessidades humanas e os vínculos interpessoais. De acordo com Rosenberg (2019), a abordagem prioriza identificar se as necessidades estão sendo atendidas e, se não, buscar soluções com base na conexão entre os envolvidos, sem que isso signifique apenas ceder ao outro. Portanto, resolver conflitos, nesse contexto, é encontrar alternativas que contemplam as necessidades mútuas, mantendo o diálogo compassivo.

Segundo o autor, os conflitos geralmente surgem quando necessidades não são reconhecidas ou compreendidas. Em vez de buscar entendimento, as partes entram em disputa para provar quem está certo, o que tende a gerar violência em diferentes formas (Rosenberg, 2019). Essas necessidades, compreendidas como elementos essenciais à sustentação da vida, incluem autonomia, integridade, cuidado físico, lazer, interdependência e comunhão espiritual.

Para alcançar tais propósitos, a CNV fundamenta-se em quatro componentes centrais: observação sem julgamento, expressão dos sentimentos, identificação das necessidades e formulação de pedidos claros e objetivos. A prática desses elementos como base da comunicação amplia significativamente as possibilidades de compreensão entre as pessoas, contribuindo para uma escuta mais sensível e uma expressão mais clara e autêntica, proporcionando uma melhor chance de os conflitos serem de fato resolvidos.

Nesse sentido, é importante destacar que a CNV não se apresenta como uma técnica rígida ou uma fórmula prescritiva que garanta resultados previsíveis. Ao invés disso, constitui-se como um conhecimento construído na prática, em todas as relações no cotidiano, buscando uma escuta sensível, a compreensão empática, o respeito, relações éticas e significativas. A seguir, serão melhores descritos os quatro componentes da Comunicação Não-Violenta.



Os quatro componentes da Comunicação-Não Violenta

A Comunicação Não Violenta (CNV), em sua aplicação prática, é composta por quatro componentes fundamentais: observação, sentimentos, necessidades e pedidos. O primeiro componente, a **observação**, propõe que os comportamentos sejam descritos de forma objetiva, sem julgamentos, rótulos ou avaliações morais. O foco deve estar na ação observada e na forma como ela impacta as necessidades individuais, evitando acusações ou generalizações. Como afirma Rosenberg (2019), é necessário comunicar ao outro o que está vivo em nós, destacando como suas ações contribuem ou não para nosso bem-estar.

O segundo componente diz respeito aos **sentimentos**. Rosenberg (2019) ressalta que, embora estejamos constantemente sentindo algo, pouco fomos incentivados a reconhecer e nomear nossas emoções. Com frequência, aprendemos a avaliar o que os outros pensam sobre nós, em vez de identificar como nos sentimos diante das situações.

A CNV propõe desenvolver um vocabulário emocional que permita a expressão autêntica dos sentimentos, sem atribuir ao outro a responsabilidade por causá-los. Assim, comprehende-se que a fonte dos sentimentos está nas nossas próprias necessidades, e não no comportamento da outra pessoa.

A partir da observação e do reconhecimento dos sentimentos, torna-se possível identificar as **necessidades** humanas. Em vez de reagir de forma automática ao que o outro faz, a CNV orienta a compreender quais necessidades estão envolvidas em determinada situação. Como pontua Rosenberg (2019), o que nos afeta não é o que o outro faz, mas como interpretamos e reagimos a isso. O exercício de olhar para dentro e conectar-se com as próprias necessidades é essencial para comunicar-se com autenticidade e clareza.

No que se refere aos **pedidos**, o quarto componente, é fundamental que sejam formulados de maneira positiva, clara e objetiva. A proposta não é dizer o que o outro “não deve fazer”, mas expressar, de forma construtiva, o que desejamos que ele faça, sem parecer uma exigência. Pedidos formulados como exigências tendem a gerar resistência, pois são percebidos como imposições, o que compromete a qualidade da relação e amplia os conflitos. Conforme Rosenberg (2019), o ideal é que o outro atenda ao pedido por vontade de contribuir, e não por medo de punição ou desejo de recompensa.

Para diferenciar um pedido de uma exigência, Rosenberg sugere observar nossa reação quando o pedido não é atendido. A exigência, associada a estruturas de dominação, nega ao outro o direito à discordância. Já o pedido, dentro da perspectiva da CNV, proporciona o “poder com” e não o “poder sobre”, reconhecendo o valor das necessidades de todas as partes envolvidas. Dessa forma, ter a mesma consideração pelas necessidades do outro que temos pelas nossas, fortalece a conexão e contribui para soluções mais humanas e respeitosas.

Em síntese, os quatro componentes da CNV proporciona uma estrutura para repensar a forma como nos expressamos e nos relacionamos, possibilitando um diálogo mais consciente, empático e transformador.

Na próxima página, será possível encontrar um quadro elaborado pelo próprio autor, que sintetiza melhor os quatro componentes.

Quadro 1- Síntese dos quatro componentes da Comunicação Não Violenta

OBSERVAÇÕES	
O que eu observo (vejo, ouço, lembro, imagino, livre de minhas avaliações) que contribui, ou não, para o meu bem-estar: "Quando eu (vejo, ouço ...) ..."	O que você observa (vê, ouve, lembra, imagina, livre de suas avaliações) que contribui, ou não, para o seu bem-estar. "Quando você (vê, ouve, ...) (Coisas que recebemos empaticamente, mesmo que não tenha sido dito dessa forma.)
SENTIMENTOS	
Como eu me sinto (emoção ou sensação em vez de pensamento) em relação ao que observo: "Eu me sinto ..."	Como você se sente (emoção ou sensação em vez de pensamento) em relação ao que você observa: "Você se sente ..."
NECESSIDADES	
Do que eu preciso ou o que é importante para mim (em vez de uma preferência ou de uma ação específica) - a causa dos meus sentimentos: porque eu preciso de / porque é importante para mim..."	Do que você precisa ou o que é importante para você (em vez de uma preferência ou de uma ação específica) - a causa dos seus sentimentos: porque você precisa de / porque é importante para você...
PEDIOS	
Faço um pedido claro, sem exigir, de algo que enriqueceria minha vida. As ações concretas que eu gostaria que ocorressem: "Você estaria disposto/a ...?".	Recebo empaticamente o seu pedido de algo que enriqueceria sua vida, sem ouvir como uma exigência. As ações concretas que você gostaria que ocorressem: "Você gostaria de ...?" (Coisas que recebemos empaticamente, mesmo que não tenha sido dito dessa forma.)

Fonte: Rosenberg, 2019, p. 199.



A CNV pode ser aplicada na prática do cotidiano escolar e em todos os âmbitos relacionais. Na resolução de conflitos, pode-se usar a seguinte base proposta por Rosenberg (2019, p.13):

- 1.** Expressar nossas necessidades;
- 2.** Enxergar as necessidades dos outros, independentemente do modo como se expressam;
- 3.** Verificar se as necessidades foram compreendidas com exatidão;
- 4.** Oferecer a empatia de que as pessoas precisam para ouvir as necessidades dos outros;
- 5.** Traduzir as soluções ou estratégias propostas para uma linguagem de ação positiva.

Em suma, de acordo com Rosenberg (2021), é preciso expressarmos nossas necessidades, compreender as necessidades do outro, confirmar se foi reconhecida a necessidade de todos, em seguida, é necessário ter o máximo de empatia e propor estratégias de resolução por meio da linguagem positiva da ação.

Entendendo o processo

A formação docente é um processo contínuo de construção da identidade profissional e do saber pedagógico. Reduzir essa formação a cursos, palestras ou contextos exclusivamente acadêmicos é uma visão limitada. Como aponta Antônio Nóvoa (2022, p.76), “nem as universidades, nem as escolas, isoladamente, são suficientes para formar professores”. É necessário que ambas atuem em parceria, aprendendo e transformando-se mutuamente.

Nesse contexto, a colaboração entre os sujeitos envolvidos no processo formativo, exige escuta sensível e abertura ao outro. Madalena Freire (2017) entende que observar o outro é também observar a si mesmo, com atenção, respeito e sem julgamentos. Tal atitude proporciona a reflexão no processo de autoformação e valorização mútua.

A autoformação ocorre quando os professores reconhecem o valor de suas trajetórias e de suas experiências de vida e do outro (Josso, 2004). A formação que se propõe é aquela que se dá ao longo da vida, reconhecendo que ser professor é lidar não só com conteúdos, mas com experiências humanas, relações e sentidos produzidos no cotidiano escolar.

Josso (2004) comprehende que relatar as experiências formativas é contar sobre si, atribuindo significados pessoais e socioculturais à própria trajetória. Algumas vivências se destacam por sua intensidade e nos ajudam a compreender melhor a nós mesmos e o ambiente ao nosso redor. A experiência, portanto, não é apenas vivida, mas construída e interpretada.

Refletir sobre essas vivências amplia a consciência crítica, a autonomia e contribui para ações e escolhas. Esse processo integra o aprendizado, o conhecimento e a formação. Assim como é essencial reconhecer o outro como sujeito, também é necessário reconhecer-se como tal, exercendo autoconhecimento e autorreflexão.

Segundo Joso (2004), esse movimento permite a construção de um “eu” mais consciente e capaz de rever escolhas e projetar novos caminhos. Tornar-se professor é, assim, um processo contínuo, que envolve experiências de vida, formação e prática profissional. Esse processo pode ser entendido na aplicabilidade da CNV, tendo em vista que a mesma, pode contribuir tanto para o pessoal do sujeito, quanto para as suas relações e as interações com os demais.

Durante os encontros das propostas formativas, espera-se que ocorra o processo de autoformação, tendo em vista que, é diariamente que se construirá o conhecimento a partir de novas experiências e o olhar para a teoria. Portanto, a CNV pode ser colocada em prática em todos os âmbitos, no cotidiano e na troca de saberes.



Propostas formativas

As propostas formativas foram elaboradas em dois módulos. O primeiro é intitulado como “Os Processos autoformativos que possibilitam o tornar-se educador” e o segundo “A Comunicação Não-Violenta na prática de resolução de conflitos”. Cada encontro está previsto para aproximadamente uma hora.

Módulo I- - Os Processos autoformativos que possibilitam o tornar-se educador

Primeiro encontro: Olhar para nossa história

Antes do primeiro encontro, é preciso que os participantes sejam orientados a levar um objeto que para si, é atribuído um valor em sua trajetória enquanto educador. No primeiro encontro, cada participante terá seu momento de fala. Os participantes serão orientados, a partir dos objetos escolhidos, a compartilhar como foram mediadas as suas escolhas para ser professor, os momentos marcantes e que influenciam o seu modo de ser professor, seus exemplos, seus estudos, suas angústias e seus questionamentos. Tal dinâmica possibilitará o grupo a conhecer um pouco sobre si e sobre o outro, proporcionando um ambiente acolhedor para a história de cada um, de modo a incentivar o respeito pela trajetória dos sujeitos. Por fim, a proposta deve ser concluída por uma fala de quem a estiver mediando, dizendo e enfatizando que tudo o que foi compartilhado e vivido faz parte da história de cada um e que tais fatos, de certo modo, contribuíram no processo de torna-se educador. Em seguida, os participantes deverão ser orientados a escrever uma narrativa de sua trajetória, escrevendo sobre si e discorrendo sobre os motivos pelos quais foram levados ao ambiente em que estão, na formação, bem como suas experiências profissionais e de vida. As escritas poderão ser entregues para o mediador a fim de organizarem um mural, um baú ou trocar as escritas entre si. Caso alguém se sentir à vontade, poderá ler a sua escrita para o grupo.

Segundo Encontro: Olhar para si mesmo

Inicialmente, o mediador do encontro entregará três recortes de papel em branco e orientará para que cada participante escreva, nos recortes de papel, três palavras que representam a sua trajetória enquanto docente. Ao final das escritas, cada participante poderá compartilhar suas palavras e falar sobre o motivo da escolha delas, por fim, colando em um painel para formarmos uma nuvem de palavras.

Em seguida, o mediador poderá realizar uma fala sobre as bases teóricas do tornar-se educador, para isso, sugere-se que retorne a leitura para o capítulo “Entendendo o Processo” deste material, ou o capítulo 5 da dissertação, além disso, abaixo, seguem alguns tópicos importantes e em síntese do assunto. Além disso, caso haja preferência pela apresentação de slides. O link a seguir, possui o acesso aos slides que podem ser utilizados neste encontro e no que debate sobre conflito e violência:

[Slides autoformação](#)

- O processo de tornar-se pessoa envolve refletir sobre si mesmo e suas experiências;
- Segundo Carl Rogers (2009), é um movimento de aceitação, autonomia e consciência de quem somos;
- Importância de não apenas seguir modelos impostos, mas se conhecer e ser genuíno;
- Memórias contribuem na nossa consciência pedagógica, política e histórica;
- Vivências marcantes influenciam o nosso ser e o nosso agir como educadores;
- Carl Rogers (2009) afirma que aprendemos com o que faz sentido para nós;
- Marie Christine Josso (2004) destaca que experiências vividas e refletidas contribuem para a formação pessoal e profissional;
- Autoconhecimento fortalece a autonomia e a criticidade nas escolhas da vida;

- Antônio Nôvoa (2022) aponta que a formação docente não acontece apenas em espaços formais, mas também nas relações e vivências;
- A troca entre professores experientes e iniciantes é essencial;
- O ambiente de formação deve ser colaborativo, respeitoso e dialógico;
- Para Carls Rogers (2009), uma relação autêntica e empática transforma e promove o crescimento do outro;
- Ser educador envolve escutar de forma sensível, valorizar a individualidade e construir vínculos significativos;
- A formação docente é um processo contínuo, de vida inteira;
- A autoformação acontece na reflexão sobre a prática, na vivência e nas interações humanas;
- Teoria e prática se complementam no cotidiano do educador;
- A experiência do educador deve estar conectada ao seu “eu verdadeiro”;
- Humanizar a prática educativa exige empatia, escuta e reconhecimento do outro como sujeito.

Por fim, após refletido sobre o que nos constitui enquanto pessoas e professores, o grupo poderá ser orientado a refletir sobre o que querem ser, qual imagem querem ter ou têm de si, o objetivo é que cada participante realize o desenho da imagem que visualiza em seu interior. Para esse momento, antes do início do encontro, o mediador deverá ter preparado três espaços com elementos diferentes para desenho e pintura, para os participantes dividirem-se em grupos para explorar os materiais de sua preferência. O primeiro espaço poderá ter folhas A3 brancas, lápis, pincel e tintas. O segundo poderá ter folhas A4 brancas, canetinhas, lápis de escrever, borracha e lápis de cor. Já o terceiro espaço poderá ter folhas A4 brancas, pardas e pretas, com lápis de escrever, borracha e giz pastel. Após os desenhos, os participantes serão convidados a compartilhar seu registro, caso queiram, dialogar sobre a imagem que possuem ou querem de si. Os registros poderão ser colocados junto ao painel feito anteriormente, ou anexado junto à sua escrita de si mesma que poderá ser entregue ao final dos módulos para cada participante.

Terceiro encontro: Olhar para o outro

O acolhimento deverá ser feito a partir da dinâmica da dança da cadeira. As cadeiras serão colocadas em um círculo, viradas para o lado de fora. No primeiro momento, o mediador do encontro inicia a música e, ao interrompê-la, os participantes deverão sentar-se em uma cadeira. Para cada rodada, será retirada uma cadeira, a ponto de que, ao final, reste apenas uma pessoa que conseguiu sentar-se. Terminada a dinâmica, o grupo será questionado sobre como se sentiu durante a proposta. Após o término da primeira rodada, o grupo será convidado a participar da segunda rodada, em que a única mudança na brincadeira é que ninguém sai da dinâmica, todos os participantes deverão pensar em uma maneira de acolher o sujeito que ficou sem cadeira. No final, restará apenas uma cadeira em que todos os participantes deverão sentar-se. Ao final, serão questionados novamente sobre como se sentiram durante a dinâmica. Por fim, o mediador conduzirá a reflexão que, quando fixamos nosso olhar somente para nossas próprias necessidades, deixamos de lado a necessidade do outro, não acolhemos suas emoções e seus sentimentos. Já quando nos preocupamos com as necessidades do outro, além de serem atendidas, nossas próprias necessidades são atendidas também. No segundo momento, será entregue uma folha em branco, para que cada um escreva de que maneira eu posso acolher e estar atento às necessidades do outro e de que maneira eu gostaria que o outro expressasse que reconhece minhas necessidades. Após as escritas, os participantes serão convidados a compartilhar seus escritos e orientados a refletir que a maneira como esperamos sermos compreendidos pode ser a maneira que devemos buscar compreender o outro. Cada integrante poderá ler o que escreveu e o mediador poderá escrever no quadro ou em uma folha, quais palavras se repetiram, chamando a atenção de que, muitas vezes, as pessoas possuem as mesmas necessidades. Esses escritos podem ser colocados em um mural, ou anexados juntamente com os escritos de si mesmo e os desenhos das imagens de si, formando um portfólio individual.

Quarto encontro- Roda de conversa sobre ser professor

Neste dia, os participantes poderão levar um lanche para compartilhar, no objetivo de ser um momento de interagir, falar e escutar. O ambiente deverá ser organizado em círculo e cada um terá a sua vez para compartilhar como foi a sua semana, o seu dia, os seus desafios, propostas que deram certo ou não com as crianças, sobre seus sentimentos durante a prática pedagógica. Esse exercício poderá auxiliar o grupo a ampliar suas relações, ter um espaço de fala e escuta sem julgamentos, favorecendo um ambiente acolhedor para consigo e para com o outro. Isso se faz importante pois, muitas vezes, os professores não possuem um tempo em que podem falar sobre suas experiências e angústias, sem o medo de serem julgadas ou repreendidas.



Módulo 2- A Comunicação Não-Violenta na prática de resolução de conflitos

O segundo Módulo busca aprofundar o conceito de conflito, violência e Comunicação Não-Violenta.

Primeiro encontro: Conflitos sim, violências não

Os participantes serão acolhidos com uma problematização. O mediador irá expor um caso fictício para iniciar as discussões sobre conflitos e violências.

Caso:

“Eu estava sozinha em minha sala com a turma, duas crianças começaram a brigar por causa de um brinquedo, um começou a bater no outro, eu estava realizando uma atividade com determinado estudante, tive que largar tudo e correr ajudar os dois que estavam brigando. Logo que cheguei, pedi para que parassem de se bater e perguntei quem pegou o brinquedo primeiro. Um deles se manifestou, entreguei o brinquedo para este e mandei o outro brincar com outra coisa. Obviamente, o que ficou sem o brinquedo começou a chorar, logo mandei parar, pois quem havia pegado o brinquedo primeiro era a outra criança. Deixei a criança chorar e voltei para a outra em que eu estava fazendo a atividade.”

O caso deverá ser entregue impresso para os participantes acompanharem. Após a leitura, deverá ser aberto um espaço para discussão sobre as interpretações dos participantes sobre o caso, sem estabelecer nenhum indicativo entre certo ou errado. Após o compartilhamento das opiniões, o mediador orientará o debate para que seja diferenciado o conflito da violência, problematizando o papel mediador do educador. Em seguida, os participantes serão divididos em dois grupos, um representando os conflitos e outro representando a violência.

Cada grupo deverá confeccionar um cartaz com informações que diferenciam ambas as questões. Para isso, o mediador disponibilizará cartolina, canetão, imagens ilustrativas retiradas da internet ou revistas, cola e tesoura. No final dos trabalhos, cada grupo socializará a sua produção, reforçando os conceitos, podendo trazer exemplos que foram vivenciados por si. Após os debates, o mediador poderá acrescentar aspectos importantes, que o grupo poderá adicionar em seus cartazes, com base nos tópicos e diferenciações a seguir:

Para um maior aprofundamento, sugere-se a leitura do capítulo 3 da Dissertação intitulada “Comunicação Não-Violenta: Possibilidades de desenvolvimento profissional nas relações éticas no ambiente da Educação Infantil” a qual se originou o presente material e pode ser acessada na busca no repositório de trabalhos da Universidade Federal da Fronteira Sul: <https://rd.uffs.edu.br/>

Conflito: não é sinônimo de violência. Segundo Chrispino (2007), conflito envolve diferenças de opiniões, crenças e interpretações. Rosenberg (2019) destaca que os conflitos surgem de necessidades não atendidas. O conflito é inevitável em qualquer convívio social. Na escola, aparece por conta da diversidade de histórias, ideias e valores entre alunos e professores. Muitas vezes, é evitado ou reprimido por causa de uma visão tradicional de controle e disciplina. Quando bem mediado, o conflito pode: incentivar o pensamento crítico; Promover o diálogo e a escuta; Auxiliar na construção da autonomia e identidade; permite o amadurecimento pessoal e social. A maneira como olhamos para o conflito define como vamos lidar com ele. É preciso criar espaços de escuta respeitosa e empática, como propõe a Comunicação Não-Violenta (Rosenberg, 2019). Não deve ser silenciado, mas compreendido e trabalhado com responsabilidade ética. A ausência de conflito pode indicar opressão ou silenciamento dentro da escola.

Violência: A violência surge onde não há diálogo, há imposição e negação da liberdade. A sociedade naturalizou práticas violentas, principalmente com crianças, exemplos: punições físicas no passado, correções com chinelo ou régua na escola. Tipos de violência contra crianças (UNICEF, 2019): Física: agressão corporal; psicológica: humilhação, ameaça, desprezo; negligência: omissão nos cuidados; sexual: abuso, exploração; tráfico humano e trabalho infantil; financeira e institucional (quando vem de agentes públicos). Violência na escola: três dimensões (UNICEF, 2019): À escola: ataques ao espaço e seus profissionais. Na escola: quando a violência vem do entorno social e familiar. Da escola: violência gerada dentro da própria instituição (bullying, assédio, práticas autoritárias). Não podemos confundir conflito com violência: o conflito é natural e pode ser construtivo, a violência não. A indiferença e o silêncio também são formas de violência. A violência pode ser superada por ações humanas conscientes. A Comunicação Não Violenta (Rosenberg, 2019) e o diálogo freiriano são caminhos possíveis. Discordar faz parte da convivência, mas precisa ser feito com respeito, escuta e abertura ao outro.

Após, o grupo poderá ter um espaço de fala e questionamentos. Os cartazes poderão ser colocados em um lugar onde todos possam diariamente relembrar os conceitos.

O link a seguir possui uma parte dos slides que poderá ser utilizada durante as falas: [Slides ConflitoxViolência](#)

Segundo encontro: Componentes da Comunicação Não Violenta

O mediador entregará um texto e o grupo fará a leitura juntos. Em seguida, será disponibilizado um tempo e espaço para debate do texto que foi entregue, a fim de cada um compartilhar seus destaques, seus questionamentos e suas impressões. Segue o texto abaixo, retirado do livro “Vivendo a Comunicação Não-Violenta” de Marshall Rosenberg (2019, p. 7-11):

Uma breve introdução à Comunicação Não Violenta

A Comunicação Não Violenta (CNV) é um poderoso modelo de comunicação, mas vai muito além disso. É um modo de ser, de pensar e de viver. Seu propósito é inspirar conexões sinceras entre as pessoas de maneira que as necessidades de todos sejam atendidas por meio da doação compassiva. Ela nos inspira a nos doarmos de coração. E também nos ajuda a nos conectar à nossa divindade interior e ao que existe de mais vivo dentro de nós.

Podemos dizer que a CNV é o idioma da compaixão, mas, na verdade, ela é uma linguagem da vida na qual a compaixão surge naturalmente. Este modelo nos ensina a expressar o que está vivo em nós e a enxergar o que está vivo nos outros. Quando compreendemos o que está vivo em nós, podemos descobrir o que fazer para enriquecer essa vida.

A Comunicação Não Violenta se desenvolveu a partir do meu interesse pessoal em duas questões. Primeiro, queria entender melhor o que há nos seres humanos que leva alguns de nós a nos comportarmos de forma violenta e abusiva. Depois, queria entender melhor que tipo de educação é útil às nossas tentativas de permanecermos compassivos – que acredito ser a nossa natureza – mesmo quando os outros se comportam de forma violenta ou exploradora. A teoria que prevaleceu por muitos séculos defendia que a violência e a exploração acontecem porque as pessoas são, em essência, más, egoístas ou violentas. Mas já vi gente que não é assim; já vi muita gente que gosta de contribuir para o bem-estar dos outros. Então me perguntei: *Por que algumas pessoas parecem gostar de ver o sofrimento dos outros, enquanto outras parecem ser justamente o contrário?*

Alguns sentimentos básicos comuns a todos nós.

Como me sinto quando...

Minhas necessidades
são atendidas

Maravilhado
Confortável
Confiante
Ávido
Cheio de energia
Realizado
Seguro
Esperançoso
Inspirado
Fascinado
Alegre
Comovido
Otimista
Orgulhoso
Aliviado
Estimulado
Surpreso
Grato
Tocado
Confiante

Minhas necessidades
não são atendidas

Zangado
Incomodado
Preocupado
Confuso
Decepcionado
Desanimado
Angustiado
Envergonhado
Frustrado
Indefeso
Desesperado
Impaciente
Irritado
Solitário
Nervoso
Sobrecarregado
Desconcertado
Relutante
Triste
Desconfortável

Em minha análise dessas duas questões, descobri que **três fatores** são muito importantes para entendermos por que, em situações similares, alguns de nós reagem com violência e outros reagem com compaixão:

- A linguagem que fomos ensinados a usar.
- Como nos ensinaram a pensar e a nos comunicarmos.
- As estratégias específicas que aprendemos para influenciar os outros e a nós mesmos.

Algumas necessidades básicas comuns à todos nós

Autonomia

Escolher os próprios sonhos, objetivos e valores

Escolher o próprio plano para realizar esses sonhos, objetivos e valores

Celebração

Celebrar a criação da vida e a realização dos sonhos

Celebrar a perda dos sonhos, de pessoas amadas, etc. (luto)

Integridade

Autenticidade

Significado

Criatividade

Amor-próprio

Interdependência

Aceitação

Franqueza (a franqueza empoderadora que torna possível aprender com nossas limitações)

Apreciação

Amor

Proximidade

Tranquilização

Comunidade

Respeito

Consideração

Apoio

Contribuir para o enriquecimento da vida (exercer o próprio poder ao oferecer o que contribui para a vida)

Confiança

Segurança emocional

Compreensão

Empatia

Afeto

Cuidados físicos

Ar

Descanso

Alimento

Expressão sexual

Movimento e exercícios físicos

Abrigo

Proteção contra formas

Toque

de vida ameaçadoras, como vírus, bactérias, insetos, animais predadores, etc.

Água

Lazer

Diversão

Riso

Comunhão espiritual

Beleza

Ordem

Harmonia

Paz

Inspiração

Como esses três fatores têm um papel importante para determinar se reagimos diante das situações com compaixão ou violência, desenvolvi esse processo que chamo de Comunicação Não Violenta (CNV) integrando o tipo de linguagem, o tipo de pensamento e as formas de comunicação que influenciam nossa capacidade de contribuir voluntariamente para o bem-estar dos outros e de nós mesmos.

O processo da CNV mostra como expressar sem disfarces quem somos e o que está vivo dentro de nós – sem qualquer crítica ou análise externa que insinue que o que sentimos está errado. O processo se baseia na suposição de que qualquer coisa que os outros ouçam de nós que soe como uma análise ou crítica (ou que leve a um erro de interpretação por parte deles) nos impede de estabelecer a conexão que nos permite contribuir voluntariamente para o bem-estar uns dos outros. Essa abordagem da comunicação enfatiza que a motivação para agir é a compaixão – e não o medo, a culpa, a vergonha, a censura, a coerção ou a ameaça de punição. Em outras palavras, trata-se de conseguir o que queremos por meios que não nos deixem arrependidos depois. Parte do processo é dizer com clareza o que está vivo em nós – sem análise ou crítica e sem colocar a culpa no outro. Outra parte é dizer com clareza o que tornaria a vida melhor para nós, apresentando essa informação aos outros como um pedido, não como uma exigência.

A Comunicação Não Violenta se concentra em como as necessidades dos outros estão sendo atendidas e, caso não estejam, no que pode ser feito nesse sentido. (Veja os quadros “Alguns sentimentos básicos comuns a todos nós” e “Algumas necessidades básicas comuns a todos nós”.) Por um lado, a CNV nos mostra como devemos nos expressar de modo a aumentar as chances de que os outros contribuam voluntariamente para o nosso bem-estar. E, por outro, nos mostra como receber a mensagem dos outros de maneira a aumentar as nossas chances de contribuir voluntariamente para o bem-estar deles.

Espero que o conteúdo deste livro o ajude a se comunicar com os outros através dessa linguagem da vida e lhe mostre como ouvir essa mesma qualidade de comunicação na mensagem deles, qualquer que seja o modo como falem.

As quatro partes do processo de Comunicação Não Violenta

Expressar com clareza como estou, sem censuras ou críticas

Receber com empatia a mensagem sobre como você está sem interpretar como censura ou crítica

1. OBSERVAÇÃO

O que observo (vejo, ouço, lembro, imagino, livre de avaliações) que contribui ou não para meu bem-estar:
“Quando vejo/ ouço...”

O que você observa (vê, ouve, lembra, imagina, livre de avaliações) que contribui ou não para seu bem-estar: *“Quando você vê/ ouve...”* (Às vezes sem palavras, quando estamos oferecendo empatia.)

2. SENTIMENTOS

Como me sinto (emoção ou sensação, e não pensamento) em relação ao que observo:
“Sinto...”

Como você se sente (emoção ou sensação, e não pensamento) em relação ao que observa:
“Você sente...”

3. NECESSIDADES

O que preciso ou valorizo (e não uma preferência ou ação específica) e que é a causa dos meus sentimentos: *“porque necessito/ valorizo...”*

O que você precisa ou valoriza (e não uma preferência ou ação específica) e que é a causa dos seus sentimentos: *“porque você necessita/ valoriza...”*

Pedir com clareza aquilo que enriqueceria minha vida, sem exigências

Receber com empatia a mensagem sobre o que enriqueceria sua vida, sem interpretar como uma exigência

4. PEDIDOS

As ações concretas que eu gostaria que fossem tomadas:
“Você estaria disposto a...?”

As ações concretas que você gostaria que fossem tomadas:
“Você gostaria...?” (Às vezes sem palavras, quando estamos oferecendo empatia.)

Após esse momento, o mediar poderá discutir sobre os elementos que possam ter faltado na hora do debate do texto e que são importantes para a compreensão dos componentes da CNV. Para isso, será dedicada a parte da exposição oral e teórica sobre a CNV a partir dos seguintes slides, elaborados com base no capítulo 4 da dissertação intitulada “Comunicação Não-Violenta: Possibilidades de desenvolvimento profissional nas relações éticas no ambiente da Educação Infantil” a qual se originou o presente material e pode ser acessada na busca no repositório de trabalhos da Universidade Federal da Fronteira Sul: <https://rd.uffs.edu.br/>. E em síntese, no capítulo “Os quatro componentes da Comunicação Não-Violenta” deste material. Em seguida, o mediador trará um exemplo de resolução de conflito retirado do livro “Educação para uma vida mais plena” de Marshall Rosenberg (2021, p. 22- 25). Tal relato deverá ser entregue impresso para os participantes.

Figura 1- Comunicação Não Violenta: partilhando o campinho.

Comunicação Não Violenta na Educação- Partilhando o campinho

Uma professora de CNV estava ensinando o processo a professores e alunos numa escola de ensino fundamental. Certo dia, surgiu um conflito no pátio entre dois grupos de meninos. Isso foi oportunidade para demonstrar como as habilidades de CNV podem ser usadas para mediar conflitos ajudando as pessoas a escutar os sentimentos e necessidades uns dos outros.

Era perto do final do horário de recreio. Um grupinho de professores estava no pátio conversando com a professora de CNV. Dois meninos, de 10 e 12 anos respectivamente, correram na direção da professora de CNV. O mais velho tinha o rosto vermelho e estava agarrado a uma bola. O mais novo chorava.

Prof^a CNV (dirigindo-se ao menino com a bola e adivinhando seus sentimentos): Você parece que está muito agitado e chateado!

Menino mais velho: Isso mesmo. Eu queria brincar e por causa dele [apontando para o outro] não consegui.

Prof^a CNV (escutando suas necessidades e parafraseando): Sim, você queria brincar e se divertir com seus colegas e não pôde?

Menino mais velho: Não. Ele veio e atrapalhou o nosso jogo e pegou a bola. Nós pedimos, muitas, muitas, muitas vezes para ele ir embora porque agora não é o horário de eles brincarem.

Prof^a CNV (dirigindo-se ao menino mais novo para ver se ele tinha escutado as necessidades do mais velho): Você pode me dizer quais são as necessidades dele?

Menino mais novo: É que eles não querem brincar com a gente.

Prof^a CNV (falando com o mais novo): Me parece que você também está frustrado, e eu gostaria de saber de você, nas suas palavras, o que você ouviu seu colega dizer.

Menino mais novo: Que eles não querem que a gente atrapalhe enquanto estão jogando.

Prof^a CNV: Eu tive a mesma impressão. E agora, me diga, o que você acha disso?

Menino mais novo: Nós também queremos brincar. Só porque eles são maiores do que a gente, nunca nos deixam ficar com o campinho.

Prof^a CNV (dirigindo-se ao mais velho): Então, o que você ouviu seu colega dizer?

Menino mais velho: Eu sei, eles também querem jogar.

Mas não é o horário deles.

Prof^a CNV: Espere um pouco. Será que você pode apenas escutar neste momento?

Menino mais velho: Sim. Ele também quer brincar.

Prof^a CNV: Então o que eu entendi é que vocês dois querem brincar. E vocês dois querem opinar sobre quando e como vão utilizar o campinho.

Menino mais novo: Mas não é justo. Só porque eles são maiores, sempre conseguem o que querem.

Prof^a CNV (escutando suas necessidades): Então você gostaria de ser respeitado? E gostaria de justiça?

Menino mais novo: Isso mesmo.

(Rosenberg, 2021, p. 22-25)

Prof^a CNV: Acho que talvez você gostaria de ter o mesmo tempo que eles para jogar no campinho? Será que isso atenderia a sua necessidade de respeito e justiça?

Menino mais novo: Sim.

Prof^a CNV (dirigindo-se ao mais velho): Vocês estariam dispostos a pensar em alguma maneira de fazer isso funcionar, ou será que algum de vocês precisa explicar melhor suas necessidades? **Menino mais novo:** Ele vai continuar dono do campinho.

Menino mais velho: Que garantia eu tenho de que eles não vão continuar se intrometendo?

Prof^a CNV: Me parece que vocês dois têm necessidade de confiança, de saber que o outro vai cumprir o combinado sobre a divisão do tempo no campinho. É isso mesmo?

Meninos: Sim!

Prof^a CNV: Então acho que é importante, seja qual for o acordo, que escolham um arranjo que os dois aceitem de bom grado, e que vocês possam sinceramente dizer que vão tentar cumprir por determinado período de tempo para ver como funciona. Vocês concordam? **Meninos** (concordando com a cabeça): Sim.

Prof^a CNV: Acho que vocês talvez já tenham alguma ideia de como isso pode funcionar. Querem conversar entre si e depois contar para mim, ou para algum dos professores, como vocês decidiram resolver o problema? Ou querem que um adulto esteja com vocês enquanto conversam?

Os dois meninos resolveram que queriam conversar entre si e, depois de alguns minutos, apareceram com um plano para dividir o campinho em alguns dias e revezar no uso dele nos outros dias. Decidiram tentar esse esquema por duas semanas e depois se encontrariam de novo para discutir se estava dando certo.

Enquanto os meninos faziam seus acordos, a professora de CNV conversou com suas colegas, que tinham assistido à mediação.

Prof^a CNV: Estou curiosa sobre o que vocês observaram nesta interação.

Prof^a 1: Fiquei surpresa que eles tenham conseguido resolver tão rápido.

Prof^a CNV: Você está surpresa e, talvez, tenha gostado de ver como esses alunos em conflito chegaram a um entendimento mútuo tão rápido?

Prof^a 1: Sim. Estou imaginando como eu teria resolvido a questão e qual teria sido o resultado. **Prof^a CNV:** Como você teria feito?

Prof^a 1: Eu provavelmente teria dado uma bronca no menino mais velho e dito a ele que não podia brincar no campinho a semana inteira, ou algo desse tipo. Teria dado a ele alguma punição. E depois disso ele não conversaria mais com o mais novo.

Prof^a 2: Eu pensei a mesma coisa. Só que provavelmente eu teria punido o mais novo por interromper o jogo dos outros. Acho que teria dito ao grupo inteiro dele que ficassem fora do campo por um determinado período de tempo para pensar a respeito até que aprendessem a conviver bem com os outros. Mas isso nunca funciona. Só acalma as coisas por pouco tempo.

Prof CNV: Ouvindo isso, imagino que vocês estão interessadas em ver como eles vão continuar a resolver as coisas entre si.

Prof^a 1: Sim. Estou curiosa, também, em aprender como ajudá-los a resolver as questões entre si, como você acabou de fazer.

Além disso, deverá ser entregue impressa a lista de necessidades básicas de cada um e dos sentimentos e emoções, elaborada por Rosenberg (2019) e uma breve lista elaborada pelo autor sobre os sentimentos para quando as necessidades são ou não atendidas.

Figura 2- Como me sinto quando...



Figura elaborada pela autora. Fonte: Rosenberg, 2019, p.8.

Para encerrar, como proposta, os participantes deverão ser convidados a colocar em prática os componentes da CNV em alguma situação que possam vivenciar no contexto da sua escola. Após conseguirem colocar a CNV em prática, poderão registrar por meio da escrita como foi o momento, o que fizeram e como dialogaram, como a situação foi resolvida e quais seus sentimentos e emoções foram vivenciados naquele momento. Esta proposta pode ser compartilhada no próximo encontro.

O link a seguir possui os slides que poderão ser utilizados neste encontro:

[Slides FormaçãoCNV](#)

Terceiro encontro: A Comunicação Não Violenta na prática cotidiana

Os participantes poderão ser acolhidos em um círculo. Logo, no primeiro momento, poderão ser convidados a socializar suas experiências vivenciadas na busca de colocar a CNV na prática do seu cotidiano. Aqueles que quiserem compartilhar, poderão falar sobre como foi a situação e como se sentiram, evidenciando os desafios e as dúvidas para o grande grupo colaborar com os conhecimentos construídos ao longo dos encontros. Além disso, cada participante poderá falar sobre suas experiências desafiadoras durante a semana, para juntos, o grupo propor possíveis resoluções.

Em seguida, poderá ser entregue uma folha para cada um escrever, de um lado, “como entrei na formação” e, de outro, “como estou saindo”, pensando também nas contribuições da CNV e refletindo sobre os processos autoformativos, assim como exemplificado abaixo:

Quadro 2 – Exemplo de avaliação

COMO ENTREI NA FORMAÇÃO	COMO ESTOU SAINDO

Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, poderá ser feito um momento de partilha e entrega dos materiais desenvolvidos ao decorrer da formação, como uma retrospectiva dos encontros. Além disso, se faz necessário continuar a dedicar tempo para que os professores compartilhem suas experiências e vivências ao longo dos dias, e que sejam sempre orientados e relembrados sobre os componentes da CNV e como colocá-los em prática. O mediador poderá acompanhar durante os dias, observando e auxiliando a cada um. Além disso, há possibilidades diversas para organizar momentos formativos, sendo assim, as propostas não se encerram por aqui.

Conclusão

Os conflitos podem surgir diariamente no contexto educacional, visto que é um ambiente relacional, com diferentes pessoas, opiniões, culturas e saberes. Nesse sentido, se faz importante acolher os conflitos tendo em vista que, os mesmos, são oportunidades para estabelecer diálogos abertos, éticos e respeitosos. A partir disso, pode-se compreender a importância do papel mediador do docente, visto que, muitas vezes, é possível se deparar com situações conflituosas dentro da sala.

Como visto ao longo deste material, o conflito é parte intrínseca das relações humanas e pode ser entendido como expressão legítima da diversidade de ideias, opiniões, valores, culturas e formas de viver. Quando reconhecido e acolhido, ele pode ser um meio de aprendizagem, de construção de sentido e de identidade pessoal e coletivo. Ao contrário disso, quando ignorado ou silenciado, pode se transformar em violência, rompendo os vínculos e gerando sofrimento.

A violência, por sua vez, não é algo que podemos aceitar. Ela é construída socialmente e, muitas vezes, reproduzida por meio de discursos e práticas institucionalizadas, inclusive na escola. Reconhecer que, muitas vezes, vivemos em uma cultura de violência, exige dos educadores um posicionamento ético diante das violações, às opressões e às negligências, muitas vezes normalizadas no cotidiano. Isso implica um trabalho constante de autocrítica, formação continuada, escuta sensível e ação intencional.

Vale pontuar também, que as crianças são sujeitos de direitos, capazes de pensar, opinar e participar ativamente da vida em sociedade. Isso nos chama à responsabilidade de construir espaços educativos que respeitem e defendam sua dignidade, voz e singularidade. Portanto, mediar conflitos, pode ser mais do que resolver impasses, é cuidar das relações, proporcionando ambientes baseados no respeito, na liberdade e no foco em ter uma vida plena.

Para isso, é necessário que educadores estejam abertos a dialogar consigo e com o outro, proporcionando a cada dia o acolhimento e a ética para consigo e para com o próximo. Vale considerar que, no cotidiano escolar, é preciso reconhecer que o conflito pode ser um convite à mudança e ao diálogo, já a violência, pode ser e um alerta de que o diálogo precisa ser recuperado.

Que esta proposta da CNV e este produto, possam provocar inquietações, inspirar práticas mais conscientes e fortalecer o compromisso com uma educação que forma pessoas em sua totalidade. Nesse sentido, é preciso acolher o pensamento crítico, a sensibilidade e coragem para sonhar coletivamente outros modos de estar e viver em sociedade, de maneira respeitosa e ética. Agora que já nos foi ensinado como reconhecer nossos sentimentos e expressar nossas necessidades, que possamos colocar em prática no dia a dia e assim, estabelecer relações mais acolhedoras e sensíveis.



Referências

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor.** 5^a ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação.** Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, António. **Escolas e professores – proteger, transformar, valorizar.** Salvador: SEC/IAT, 2022

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa.** Tradução Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

ROSENBERG, Marshall. **Vivendo a comunicação não violenta.** Tradução de Beatriz Medina. Rio de Janeiro, Sextante, 2019.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** Tradução Mário Vilela. 5 ed. São Paulo: Ágora, 2021.

ROSENBERG, Marshall B. **A linguagem da paz em um mundo de conflitos: sua próxima fala mudará seu mundo.** Tradução Grace Patricia Close Deckers. São Paulo: Palas Athena, 2019.

ROSENBERG, Marshall B. **Educação para uma vida mais plena: ajudando as escolas a melhorar o desempenho acadêmico dos alunos, reduzir conflitos e fortalecer bons relacionamentos.** Tradução Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2021.

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância. **A educação que protege contra a violência.** UNICEF Brasil, Cidade Aprendiz, junho/ 2019.

